



EMANCIPAÇÃO E EDUCAÇÃO¹

Autor: **Mariano Luiz Sousa dos Santos**

Graduado em Pedagogia

Orientador: **Paulo Lucas da Silva**

Doutor em Educação

xingualtamira2011@hotmail.com

Resumo

Emancipação e educação é um ensaio proveniente e adaptado da monografia de conclusão de curso intitulado de Educação e Semiformação. O presente texto objetiva mostrar a necessidade de conhecer a realidade social na qual a escola está inserida e em tal contexto possa realizar algo em prol da emancipação. Emancipação entendida como o fazer uso da razão em sociedade, publicamente, o mesmo que racionalidade e conscientização; e este contexto social é a semicultura ou semiformação cultural que é a produção simbólica da indústria cultural. A leitura para desenvolver tal monografia foram a partir, principalmente, de duas obras de Adorno, “Teoria da Semicultura” e “Educação e Emancipação”, o que possibilitou conhecer a dificuldade gerada pela realidade da semiformação cultural no processo educacional.

Palavras-Chave: Educação. Emancipação. Semicultura. Escola.

Este estudo é proveniente de um dos ensaios que compõe a pesquisa bibliográfica Educação e Semiformação produzida para a obtenção da graduação em pedagogia na Universidade Federal do Pará – *campus* Altamira. Nesta adaptação apresenta a relação da semicultura com a experiência educativa escolar e quais as possibilidades mediante a educação para a emancipação. A base literal é a Teoria Crítica Social a qual dentre outras contribuições permiti o pensar na educação e sua relação com a sociedade.

Educação segundo Adorno (2012) não é o mero repasse de conteúdo ou modelamento de pessoas a partir de um padrão a ser moldado, mas a formação de uma consciência correspondente com as coisas como elas realmente são ou que deveriam ser.

A compreensão do conceito de educação desta maneira faz com que a escola, a qual entendida genericamente como as experiências educacionais formais do ensino infantil até os níveis mais desenvolvidos de pós-graduação, seja pensada para uma

¹ Texto extraído da monografia – intitulada Educação e Semiformação – de conclusão do curso de licenciatura plena em pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA – *campus* Altamira) e adaptado para este evento.



melhoria em sua condição de funcionamento, oferta e preocupação do contexto em que a escola, os professores, estudantes e as relações sociais estão inseridas.

A escola como local de experiências educativas e, portanto, do pensamento como ferramenta formal desta educação institucionalizada é uma possibilidade de alcançar a emancipação por meio da imaginação, do pensar, das vivências educacionais, pois segundo Adorno (2012) a educação para emancipação e a para a experiência são idênticas. O pensar em relação a realidade é um dos pressupostos para a escola servir como agente reflexivo em relação a dinâmica social que é uma experiência formativa ou deformativa/semiformativa.

Mas como conseguir refletir verdadeiramente se a configuração do cotidiano da vida é turbulento, acelerado, não dispõe do momento da calma, pois o tempo não para, as disputas estão acirradas, sempre há alguém querendo ser melhor que outro, a competição que transforma o próximo e o amigo, em inimigo ferrenho. Neste cenário caótico que a escola poderia ser reestruturada como um dos locais para a reflexão desta própria realidade da qual está inserida.

Há possibilidades de emancipação nesta semicultura? Segundo Adorno o momento está mais para resistir a esta semiformação cultural do que acompanhar e se deixar levar por essa correnteza, que é a adaptação cega ao mundo. A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância.

Semicultura ou semiformação cultural (*Halbbildung*) entendida como algo que quer ser cultura mas não é, barreira e dificuldade de desenvolvimento da cultura, a produção simbólica da indústria cultural, a inimiga de morte e negação da semicultura, processo impeditivo da formação cultural.

A semiformação de acordo com Adorno (2005, p. 11) “é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria”. O espírito é a força impulsionadora de realizar algo, assim como o trabalho como força humana de criação, mas, se compreendidos como reestruturados no valor de mercadoria, provoca a reificação do ser/indivíduo e torna-o coisa, em termos de sociedade da indústria cultural.

A emancipação (“*Muendigkeit*”), termo que associa maioridade à autonomia da “voz ativa” (“*Mund*” = boca)” (PUCCI *et al.* 1995, p. 61), é a liberdade de fazer uso da razão em sociedade, publicamente, e o esclarecimento possibilita esta condição de



emancipado, a qual de um certo modo “significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação” (ADORNO, 2012, p. 143), porém o ser esclarecido mediante a razão técnica não consegue a reflexão acerca da barreira que impede a emancipação e assim dá continuidade ao sempre igual adaptativo às necessidades humanas.

Prevalecer apenas o lado adaptativo não favorece a formação cultural, pois a *Bildung* é a balança equilibrada entre o adaptar e o resistir mediante a cultura, a qual é entendida como cultivo, desenvolvimento, aprimoramento e educação, portanto formação mediante as experiências educativas. A experiência que modifica o eu, o subjetivo, se não modifica não é experiência formativa.

Compreender a realidade como barreira e possibilidade para emancipação, emancipar é o passo inicial para buscá-la e impor resistência com o pensamento autônomo que será demonstrado na prática social, o pensamento e a teoria são partes constituintes de uma prática-ação, “a ideia da emancipação [...] precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional” (ADORNO, 2012, p. 143), o que possibilitará compreender o contexto social que alimenta o aprisionamento do ser.

A realidade social ou semicultura, forma um pensamento e comportamento de uma massa que não vê a necessidade de uma consciência crítica e verdadeira da cultura, pois percebe e vive numa comodidade proporcionada pelos bens materiais e se não vive nesta comodidade é por que não pode conquistar estes bens, portanto, é imprescindível a libertação desta consciência materialista, pois se a garantia dos bens materiais fosse a solução, os que vivem regados de produtos do mercado estariam com uma vida emancipada, a maioria dos problemas sociais seriam facilmente resolvidos com tanta tecnologia e bens produzidos para tornar a existência na terra mais propícia a vida tanto para os oprimidos, quanto aos opressores.

A adaptação ao mundo e a reflexão sobre ele, possibilitará o trabalho da razão que enveredará o esclarecimento das condicionantes provocativas da barbárie, da desumanização que deforma as pessoas. A realidade coisificadora paralisa aquele que tenta pensar uma nova práxis de relacionamento social, diferente da mediada pelo valor de mercadoria, mesmo com o pensamento que vença este valor, chega um momento que se depara novamente com o império da dinâmica capitalista.



Dinâmica que é possível compreendê-la mediante as experiências dos estudantes dos diversos cursos de graduação e de outros vários exemplos de como as bases objetivas influenciam no desenvolvimento subjetivo e na superação das condicionantes que impossibilitam a emancipação.

A barreira semicultural para emancipação pode ser averiguada no seguinte caso de dois formandos, um estudante de medicina ou de um outro curso badalado, quando conclui tal graduação, pode receber de sua família um presente de formatura, uma clínica em um endereço bem localizado, equipada com todos insumos de trabalho da respectiva área do formado, e o pai ainda diz: faça a sua vida!

Este mesmo formando que durante o curso tenta medir com os demais quem possui a família mais rica economicamente, que debate com os colegas de turma para medir quem veste as roupas das melhores marcas, quem recebe a melhor mesada, e até mesmo em relação a família para poder sempre estar bem visto perante os colegas de turma e universidade.

Um estudante de um curso, o qual se esforçou bastante para permanecer na formação, este que dribla as dificuldades que acontecem no trabalho, nos estudos, na disputa de ideias com o patrão que requer mais empenho no trabalho ao invés de pedido de dispensa para sair mais cedo do serviço para ir as aulas da universidade.

Este consegue terminar o curso, conquista um bom desempenho durante a experiência educacional, mas no final não tem um espaço para fazer a vida, começar a desenvolver suas habilidades conquistadas durante a academia. O máximo que pode é estudar mais um pouco para passar em um concurso em sua área ou em outro certame que consiga aprovação, ou um contrato em uma empresa que vai, provavelmente, privá-lo de continuar a pós-graduação e neste contexto a família torce que o ente querido faça a vida.

Como pode haver oportunidades iguais, nos termos adornianos, nesta semicultura? Um tanto difícil igualar as oportunidades com tamanha disparidade de condições objetivas, as quais constroem as subjetivas, uma semiformação de uma sociedade que privilegia os mais fortes, os mais bem equipados, não precisam ser os mais bem preparados, basta parecer que são bem capacitados, precisa apenas convencer uma gama de pessoas que são, pelo menos em alguns instantes.

A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos



grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p. 3).

O contexto cultural que promove a semiformação de sujeitos distintos para a sociedade é o mesmo contexto que desenvolve a multidão de pessoas desprovida do conhecimento de seus direitos e os que conseguem descobrir os seus direitos, não possuem um lugar seguro para requisitá-los, não há emancipação nesta realidade.

As pessoas que possuem uma influência social por possuir maiores relações pela empresa que possui, pela profissão que ocupa, pessoas honestas que conseguiram sua condição de cidadão de direitos e que conseguem fazê-los valer, justamente por esta influência social na qual o poder econômico tem sua base, não é nem pela competência de suas ações ou experiência escolar.

Na comparação dos estudantes em que um consegue fazer a vida² graças ao presente da família no final do curso e daquele que não recebe esta facilidade, independente da formação, retrata a semicultura, a inexistência de fazer uso livre da razão que poderia ser emancipadora e menos controle da população referente ao poderio econômico que neste caso é oriundo da falta de oportunidades semelhantes.

A semicultura dificulta a emancipação, pois o esclarecimento que poderia contribuir para uma sociedade democrática que requer pessoas emancipadas, tem como empecilho os pequenos momentos da sociedade que constitui o todo social, estes momentos são encontrados nas escolas, universidades, empresas e nas mais simples relações do cotidiano na qual o poder simbólico da cultura de mercado coloca um pano escuro que dificulta a visão destes obstáculos e da necessidade de mudança de pensamento e comportamento social.

A escola, local que recebe pessoas de localidades diferentes, origens familiares distintas, comportamentos e ideais que se distanciam e outros se inter cruzam, um espaço com uma mistura completa para plantar as sementes da emancipação, e para tal empreitada, segundo Adorno (ADORNO, 2012, p. 183) é necessário todo empenho das pessoas interessadas para que o educar seja para a contradição e resistência, resistir e mudar as condições sociais.

² Fazer a vida: conseguir atuar/trabalhar na própria área de formação e conquistar os meios de viver com esta atividade, o que demonstra o uso da razão, do seu próprio esclarecimento sem a covardia de usá-la.



Portanto temos um espaço entre outras instituições que podem trabalhar em prol da emancipação, são necessários as mudanças em sua estrutura e o modo como são acolhidos os estudantes, professores e funcionários deste espaço especial que é a escola, as pessoas que dela fazem parte poderiam ser pessoas interessadas na contradição e resistência, para promover a consciência verdadeira e uma oposição a esta semicultura socializada, mesmo que

a escola esteja marcada por uma herança de reprodução de injustiças de toda sorte, é ainda uma instituição poderosa no processo de emancipação humana e, apesar de suas ambigüidades, é um espaço dialético e dialógico, e, portanto, pode transformar e também ser transformada (BANDEIRA, 2015, p. 101).

A educação é uma ferramenta de possibilidade de formação cultural, educação segundo Adorno (2012) como formação de uma consciência verdadeira; e o sistema educacional escolar pode conquistar um caminho para reverter a semiformação cultural, para tal são necessárias algumas mudanças e estas devem ser percebidas no seio da humanidade, as mudanças tem que aparecer na vida dos estudantes, professores e disseminando o pensamento de crítica e reflexão a indústria cultural.

A escola deve, portanto, ter compromisso com a constituição das estruturas mentais, com a formação de sujeitos capazes de operar formalmente para que se criem as condições necessárias à tomada de consciência e, de forma articulada com a prática, se dê a ruptura com o caráter ideológico, mistificador de uma racionalidade que desumaniza (PUCCI *et al.* 1995, p. 98).

Aqueles que passarem por uma educação escolar em oposição a semicultura, poderão ser os operadores que atuarão na sociedade disseminando mediante a razão uma reflexão e libertação dessa práxis social desumanizadora, sociabilizar nos locais que atuam seja no trabalho, família ou nos momentos de lazer, a educação como força para desestruturar esta realidade coisificada, intermediada pelo valor de troca que se sobrepõe nas relações sociais. Consciência verdadeira seja formada para haver a verdade na vida da humanidade, verdade segundo Martin Jay (1988, p. 58) que corresponde “com relação as coisas tal como são, ao passo que, num sentido normativo, significa correspondência com relação as coisas tal como devem ser”.



Referência Bibliográfica

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2012.
[Tradução de Wolfgang Leo Maar].

ADORNO, Theodor. **Teoria da Semicultura**. Editor. Nilton Santos. Porto Velho:
Editora Universidade Federal de Rondônia, 2005 (ano IV, n.191, agosto). Disponível
em: <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_pdf>. Acesso em: 7 mar. 2014.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento:**
fragmentos filosóficos. 1947. Disponível: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Dial%C3%A9tica-do-Esclarecimento-Adorno.pdf>>. Acesso em: 12
jan. 2015.

BANDEIRA, Belkis Sousa. **Formação Cultural, Semiformação e Indústria Cultural:** Contribuições de Theodor Adorno para Pensar Educação. Novas edições acadêmicas, 2015.

JAY, Martin. **As Ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. [Tradução Adail Ubirajara Sobral].

PUCCI, Bruno (org.) *et al.* **Teoria Crítica e Educação:** A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis: Vozes, São Carlos: Edufscar, 1995.